



ANTÓNIO REBELO  
MARGARIDA MIRANDA  
(COORDS.)

O MUNDO CLÁSSICO E  
A UNIVERSALIDADE DOS  
SEUS VALORES

HOMENAGEM A NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES

VOLUME I

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANTÓNIO REBELO  
MARGARIDA MIRANDA  
(COORDS.)

# O MUNDO CLÁSSICO E A UNIVERSALIDADE DOS SEUS VALORES

HOMENAGEM A NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES  
VOLUME I

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

SÉRIE HUMANITAS SUPPLEMENTUM  
ESTUDOS MONOGRÁFICOS

TÍTULO TITLE

O MUNDO CLÁSSICO E A UNIVERSALIDADE DOS SEUS VALORES

COORDENADORES EDITORS

António Rebelo

Margarida Miranda

Assistentes Editoriais Editorial Assistants

Daniela Pereira

Leonor Lima

Teresa Nunes

EDITORES PUBLISHERS

Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra University Press

[www.uc.pt/imprensa\\_uc](http://www.uc.pt/imprensa_uc)

Contacto Contact

[imprensa@uc.pt](mailto:imprensa@uc.pt)

Vendas online Online Sales

<http://livrariadaimprensa.uc.pt>

Coordenação Editorial Editorial Coordination

Imprensa da Universidade de Coimbra

Conceção Gráfica Graphics

Rodolfo Lopes, Nelson Ferreira

Infografia Infographics

Jorge Neves

Impressão e Acabamento Printed by

KDP

ISBN

978-989-26-2031-2

ISBN Digital

978-989-26-2032-9

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-2032-9>

CAPA COVER

Raffaello, sibille e angeli

Public domain via Wikimedia Commons



Projeto UID/ELT/00196/2019 - Centro de Estudos  
Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

© Novembro 2020

Imprensa da Universidade de Coimbra  
Classica Digitalia Universitatis Conimbrigenis  
<http://classicadigitalia.uc.pt>  
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos  
da Universidade de Coimbra

## PREÂMBULO

Foi esta obra concebida na sequência da jubilação da Prof. Doutora Nair de Nazaré Castro Soares. A sua organização interna reflecte a riqueza da produção pedagógica e científica da homenageada, no campo dos Estudos Gregos (I), Estudos Latinos (II), Tradição Judaico-Cristã (III), Literatura Tardo-antiga e Medieval (IV), Renascimento e Humanismo (V) e Herança Greco-Latina na Cultura Portuguesa (VI).

Os coordenadores desejam agradecer a todos quantos, de uma maneira ou de outra, contribuíram para a realização desta obra, que, pela qualidade da colaboração e empenho de todos os implicados, honra com justiça uma das maiores especialistas dos Estudos do Renascimento. Assim se explica a variedade temática e diacrónica dos estudos que seus discípulos, colegas e amigos aqui apresentam.

A nós coube tão-somente corresponder à sempre cordial e sincera amizade que ela generosamente dedicou a quem teve o privilégio de com ela conviver e trabalhar ao longo de várias décadas de actividade.

Renovamos os nossos agradecimentos não só aos autores e aos avaliadores, pela qualidade do trabalho científico produzido, como também à colaboração oculta e constante das nossas assistentes editoriais, Leonor Lima, Daniela Pereira e Teresa Nunes.

Poucas pessoas conhecem o percurso de vida da Prof. Doutora Nair de Nazaré Castro Soares como a Prof. Doutora Maria de Fátima Sousa e Silva. Manifestamos-lhe o nosso agradecimento por, na qualidade de Decana dos Estudos Clássicos na Universidade de Coimbra, aceitar redigir as palavras introdutórias sobre a homenageada nas quais todos nós nos revemos. Elas configuram o rosto muito singular da investigadora e da Mulher que todos reconhecemos e a quem devemos a razão de ser desta obra.

ANTÓNIO REBELO

MARGARIDA MIRANDA

## ENTRE CALVINO E OVÍDIO, DO NOSSO TEMPO À ANTIGUIDADE

RITA MARNOTO

*Univ. Coimbra, Centre International d'Études Portugaises de Genève*

ORCID: 0000-0003-0319-4026

rmarnoto@fl.uc.pt

### PRIMEIRO TEMPO

O Argólico lhe narra, o como havia,  
Lá juncto ás fraldas do nivoso Atlante,  
Hum valle, enclausurado em fortes muros;  
Que velavão no ingrêssio duas Gémeas,  
Filhas de Phóreo, e dônas de hum só ôlho,  
Que no mútuo mirar mútuo servia:  
Que elle huma vez, com mui sagaz astúcia,  
Lh'ò apanhára, no lance, em que huma d'ellas  
O estava dando á Irmã; que assim, mui livre,  
Poderá entrar ao valle; e, caminhando  
Por transviadas sendas, por verédas  
Muito escusas, por fragas horrorosas,  
E amotinados bósques, emfim déra  
Na pousada da Górgona; topando  
Até lá, pelos campos, e caminhos,  
Com mil a cada passo, homens, e féras,  
Petrificados, só de ver Medusa:  
Mas, que elle, a bom livrar, lográra vél-a;  
A propria, não, mas sua horrenda imagem,  
Repercutida no metal do escudo,  
Que a sinistra embaraçava. Que sentindo-as,  
Todas, em fundo somno, as cóbras, e ella,  
Lhe cerceára o cóllo; e que do jórro  
Do sangue impuro, rebentado havia,  
Com outro Irmão, o alígero Cavallo.<sup>1</sup>

Narrat Agenorides gelido sub Atlante iacentem  
Esse locum solidae tutum munimine molis;  
Cuius in introitu geminas habitasse sorores  
Phorcidas, unius partitas luminis usum;  
Id se sollerti fertim, dum traditur, astu  
Supposita cepisse manu perque abditae longe  
Deuiaque et siluis horrentia saxa fragosis  
Gorgoneas tetigisse domos; passimque per  
agros  
Perque uias uidisse hominum simulacra  
ferarumque  
In silicem ex ipsius uisa conuersa Medusa;  
Se tamen horrendae clipei, quod laeua  
gerebat,  
Aere repercusso formam aspexisse Medusae;  
Dumque grauis somnus colubrasque  
ipsamque tenebat,  
Eripuisse caput collo pennisque fugacem  
Pegason et fratrem matris de sanguine  
natos.<sup>2</sup>

O primeiro tempo é o do verbo e logo no princípio o verbo é instigante. Qual dos dois textos deverá ser lido em primeiro lugar, os hexâmetros de Ovídio ou a tradução de António Feliciano de Castilho? Ao transmutar os 15 hexâmetros das *Metamorfoses* em 25 linhas em verso branco, Castilho está a trazer Ovídio para a contemporaneidade, inscrevendo-o no seu tempo.

<sup>1</sup> Castilho 1841: 216-217.

<sup>2</sup> *Met.* 4. 772-786.

Este processo de transmissão é a marca das grandes obras, dos clássicos. Escreve Italo Calvino a propósito dos clássicos:

È classico ciò che tende a relegare l'attualità al rango di rumore di fondo, ma nello stesso tempo di questo rumore di fondo non può fare a meno.  
È classico ciò che persiste come rumore di fondo anche là dove l'attualità più incompatibile fa da padrona.<sup>3</sup>

Um clássico vive no tempo e é revivificado pelo tempo. Por um lado, é dotado de uma potência que se sobrepõe à sua envolvente situacional – o ruído de fundo inerente à multiplicidade de tempos e lugares. Por outro lado, vive dessa envolvente ruidosa que potencia a revitalização do seu sentido nos vários tempos e nos vários lugares.

Colocar os versos de Castilho antes dos de Ovídio significa assim afirmar uma persistência sustida pelo ruído de fundo.

## SEGUNDO TEMPO

Neste passo do quarto livro das *Metamorfoses*, o poeta Ovídio dá a palavra a Perseu, para que seja ele mesmo a contar, durante o banquete do seu casamento com Andrómeda, como conseguira obter a cabeça da Medusa. Desde que empreendera esse prodígio, Perseu passara a trazer sempre consigo aquela massa enxameada por serpentes, que decepara com um golpe certo e donde continuava a gotejar sangue. Apesar de os convidados para o banquete não a verem, pois quem a olhava logo ficava petrificado, imagina-se que conhecessem bem a repulsa que inspirava.

Esse horror devia ser bastante semelhante ao que Caravaggio pintou. Lê-se, no passo das *Metamorfoses* citado, o *chiaroscuro* com que o artista captou para todo o sempre aquele preciso e fatal momento do seu estertor. Ao mesmo tempo que um grito lancinante lhe sai das entranhas, a cabeça separa-se. A Medusa é uma criatura monstruosa, que atua subrepticamente mas de forma inexorável. Basta-lhe olhar e ser olhada. Com efeito, o carácter fortemente impressivo da tela de Caravaggio é gerado por um jogo especular. Na dor dilacerante da Medusa, o espectador está a ver a sua dor. A Medusa está prestes a morrer. O espectador sente-se prestes a ficar petrificado.

Para escapar à petrificação, o *astus* Perseu matou a Medusa sem a olhar, servindo-se de um hábil stratagem. Viu-a apenas indiretamente, observando o reflexo da sua imagem, projetada no escudo que empunhava com a sua mão esquerda. É um vencedor indireto, o que motivou algumas reservas à sua incor-

---

<sup>3</sup> Calvino 1995 b: 1823.

poração na classe dos heróis<sup>4</sup>. Rouba o olho às duas Graias quando nenhuma delas o tem posto, dado que uma o está a passar à outra e por isso nenhuma delas pode ver; espera pela altura em que a Medusa e as serpentes adormecem para a matar; leva consigo a cabeça decapitada, sem nunca mais a largar, mas sempre embrulhada e escondida; sidera os seus inimigos mostrando-lha, ele que aniquilou essa criatura horrenda sem nunca a olhar de frente.

O que Caravaggio mostra ao espectador é a imagem da Medusa refletida num escudo. Para escapar ao seu olhar inapelavelmente petrificante, esse espectador tem de saber o que é a técnica do *chiaroscuro*, que Caravaggio a elevou ao seu ponto alto, e terá também de conhecer o Perseu que não está na tela. “La mia fiducia nel futuro della letteratura consiste nel sapere che ci sono cose che solo la letteratura può dare con i suoi mezzi specifici”<sup>5</sup> – Calvino escreveu literatura, mas à literatura podiam-se acrescentar todas as artes da colina do Hélicon.

A arte do reflexo garante a vida, em cada raio da tela de Caravaggio que levemente ilumina o escudo metálico de Perseu – como silencioso e instigante ruído de fundo.



FIG. 1: Caravaggio, *Medusa*, ca. 1597, Galleria degli Uffizi, Florença.  
Ólio sobre tela, (h)60 x (l)55 cm.

### TERCEIRO TEMPO

A sagacidade do *astus* Perseu levou Calvino a fazer dele um dos principais protagonistas da Lição americana que dedicou à Leveza.

---

<sup>4</sup> Catterall et al.: 2016.

<sup>5</sup> Calvino 1995 a: 629.

O escritor fora convidado pela Universidade de Harvard a proferir as *Poetry Lectures Charles Eliot Norton* do ano académico de 1985-1986. Entendeu, pois, dedicar o ciclo de conferências àqueles valores ou qualidades que inspiravam a sua confiança no futuro da literatura, quando um novo milénio estava prestes a começar. *Six memos for the next millennium* era o título inglês desse ciclo de palestras que Calvino não chegou a proferir, dado que faleceu inesperadamente no verão de 1985. Contudo, o texto de algumas das conferências encontrava-se já numa fase adiantada de elaboração.

A Leveza é o primeiro desses valores. À semelhança dos restantes, não é entendido por si, sendo integrado numa relação dinâmica que a liga ao peso. De modo algum está em causa um mero jogo antinómico. Calvino é tão realista como Caravaggio ou como Perseu, na medida em que não ignora os riscos e os abismos que se alojam no avesso dessa qualidade. A Leveza tanto pode contribuir para fazer da banalidade um peso, como para potenciar o uso da gravidade, qual estratégia secreta a usar com astúcia e sagacidade.

Perseu encarna a Leveza ao voar com sandálias aladas, ao firmar-se sobre o que há de mais vaporoso no universo – vento, nuvens, tempos e lugares de passagem –, ao descobrir o mundo através dos raios de luz que o refletem e que, ao refleti-lo, geram o jogo de imagens que contém segredos recônditos.

Nei momenti in cui il regno dell'umano mi sembra condannato alla pesantezza, penso che dovrei volare come Perseo in un altro spazio. Non sto parlando di fughe nel sogno o nell'irrazionale. Voglio dire che devo cambiare il mio approccio, devo guardare il mondo con un'altra ottica, un'altra logica, altri metodi di conoscenza e di verifica. Le immagini di leggerezza che io cerco non devono lasciarsi dissolvere come sogni dalla realtà del presente e del futuro...<sup>6</sup>

Estas palavras encerram uma verdadeira ode aos caminhos que as sandálias de Perseu vão percorrendo, sempre com uma nova ótica, com uma nova lógica e com novos métodos para apurar o conhecimento.

#### QUARTO TEMPO

Ao contar o episódio, a pena de Ovídio e os vapores de Perseu transformam a empolgante sucessão de factos numa narrativa de ritmo diegético e sonoro em cadeia. Desprende-se do entrecho como se fosse a sua espuma. Os tempos e as sonoridades do verso são cerrados, num jogo concertado entre segmentos que ora gera efeitos de alternância, ora de continuidade. Dão o tom à inquietude e até

---

<sup>6</sup> *Ib.*: 635.



à angústia que é de Perseu, mas que infecta o leitor. A série de ações arriscadas que leva a cabo, uma após a outra, são de sustentar a respiração.

A essa celeridade, Castilho contrapõe a distensão de um relato que, tendo também o seu ritmo, se dilata pelo espaço do texto e pelo seu tempo. As pausas marcadas pela pontuação cadenciam um vocalismo límpido, projetado em raios que se iluminam mutuamente. Com efeito, o fascínio da tradução muito deve à fluidez com que o discurso corre, ampliando a memória pelas sendas de um romantismo elegíaco. A sagacidade de Perseu ganha repercussões interiores ampliadas por gestos que dissolvem os versos de Ovídio nos vapores da lonjura. Castilho leva o aniquilador da Medusa por caminhos mais longos, e cujos trilhos inóspitos são também mais preenchidos.

A preenchê-los, “caminhando / Por transviadas sendas, por verédas / Muito escusas, por fragas horrorosas, / E amotinados bósques”, encontram-se algumas das primeiras composições da literatura portuguesa que resumam o sentimento da natureza petrarquista. Foram escritas pelo poeta Duarte de Brito e compiladas por Garcia de Resende no *Cancioneiro geral*, de 1516:

Com lagrimas de tristuras  
começámos logo andar  
per vales, montes alturas,  
grandes boscos espessuras,  
nam cessando caminhar,  
per lugares apartados,  
desviados dos viventes [...]<sup>7</sup>

Polas mui asperas vias  
de tristezas caminhando  
[...]  
Polas mui grandes montanhas,  
caminho de meu pesar,  
nam cessando caminhar [...]<sup>8</sup>

O “nam cessando caminhar” e o “caminhando”, de Duarte de Brito, são da mesma têmpera do gerúndio “caminhando”, de Castilho. A paisagem sente e espelha a interioridade de quem a percorre. Aliás, as ressonâncias interiores destes versos são as do célebre soneto 35 do *Cancioneiro* de Petrarca, “Solo e pensoso i più deserti campi / vo mesurando a passi tardi e lenti”. “[M]esurando”, tal como “caminhando”, balanceia o gesto e o sentimento, o plano da exterioridade e o plano da interioridade.

---

<sup>7</sup> Brito 1990: 316.

<sup>8</sup> *Ib.*: 345.

“[C]oi miti non bisogna aver fretta; è meglio lasciarli depositare nella memoria” – observa Calvino na mesma Lição americana<sup>9</sup>. É preciso deixar as sandálias de Perseu pairar pelas nuvens para apoiar a sua leveza.

#### QUINTO TEMPO

Não é de admitir que Italo Calvino alguma vez tenha lido a tradução de Castilho, embora essa hipótese seja tão fascinante como a de um Castilho leitor anacrónico de Calvino. Os dois escritores usam as mesmas sandálias aladas e foi com elas que leram Ovídio. Ao concluir estas reflexões, há pois que reformular com maior fluidez a questão inicial acerca da ordem das leituras, entre Castilho, Ovídio, Caravaggio, Duarte de Brito, Petrarca, Cícero ou Calvino, entre os seus tempos, os seus lugares e as suas asas.

A sagacidade com que Perseu soube “volare [...] in un altro spazio [...] cambiare [...] approccio [...] guardare il mondo con un'altra ottica, un'altra logica, altri metodi di conoscenza e di verifica” foi fecundante. A cabeça decepada permitiu-lhe vencer o monstro que subjugava Andrómeda, fazendo dela sua esposa e, segundo algumas versões, recebendo um reino como dote. O casal teve uma prole numerosa e Perseu ou, segundo algumas versões, o seu filho mais velho, fundou o reino da Pérsia. Hércules, Helena de Troia ou Penélope pertenceram a sucessivas gerações deles descendentes.

Por sua vez, dos pingos de sangue que o tempo continuamente ia fazendo gotejar do pescoço amputado da Medusa, nasceu o coral. Para isso, era necessário aproximar da medonha cabeça coberta de serpentes ramos de algas, que logo se transformavam, ganhando a delicadeza dos tons rosados. Bem o sabiam as Ninfas que, alheadas do grito lancinante que Caravaggio arrancava da boca da Medusa, se aproximavam dela, ligeirinhas<sup>10</sup>. Levavam na mão os raminhos que, transformados em coral, iriam realçar a sua arte. Mal Perseu afundara a lâmina no pescoço da Medusa, das gotas de sangue fecundadas pela terra nasceram o cavalo Pégaso e o monstro Crisaor, símbolos de leveza e de gravidade, respetivamente. Pégaso tem, também ele, asas. Foi conduzido por Belerofonte, o qual, sem ele, não teria conseguido matar a Quimera e vencer as Amazonas.

Sem Belerofonte, também Petrarca não teria escrito o referido soneto 35 do Cancioneiro, “Solo e pensoso i più deserti campi”, ou então tê-lo-ia escrito de outra maneira. Petrarca conhecia o episódio de Belerofonte através de Cícero<sup>11</sup> e

---

<sup>9</sup> Calvino 1995 a: 632.

<sup>10</sup> *Met.* 4. 747-752.

<sup>11</sup> A quem esta afirmação possa parecer inverosímil, recordam-se as palavras de Marco Santagata, em comentário precisamente ao soneto 35 do Cancioneiro: “Prende spunto dal Bellerofonte omerico, conosciuto attraverso la traduzione di Cicerone (*Tusc.* III 26, 63). I vv. ciceroniani sono citati in *Secr.* III, p. 156 [Petrarca 1963] “[*Aug.*] ut de te non minus proprie

numa das suas *Seniles*<sup>12</sup> recorda e critica os excessos que levaram a personagem vinda da *Ilíada* a isolar-se das gentes, vagueando por caminhos onde não encontrasse vestígios de pegadas humanas, *cor edens*.

Mas talvez antes disso, e aqui a ordem não é muito clara, Pégaso já tivesse dado aquela fortíssima patada na dura rocha da colina de Apolo e das Musas, o Hélicon. Foi tão vigorosa que fez jorrar Hipocrene, a fonte da poesia. Mais importante do que essa ordem, é a Leveza que tira partido da gravidade, daí gerando qualidades sempre mais altas e refinadas, através dos reflexos que ligam mutuamente o nosso tempo e a Antiguidade.

Depois de salvar Andrómeda, servindo-se da cabeça da Medusa para aniquilar o monstro, Perseu lava as mãos, num ritual de purificação<sup>13</sup>. Com um gesto delicado, as suas mãos imaculadas constroem então um suave tapete de folhagem e de raminhos<sup>14</sup>. Serve para aconchegar a cabeça com serpentes da terrível Medusa, não vá ela sentir desconforto com algum grãozinho de areia.

Os cuidados de Perseu continuam a ser os mesmos de quem, de então até hoje, traz os clássicos para a atualidade, apoiado em nuvens e vapores ou caminhando com sandálias aladas, numa operação de subtração de peso que é uma cura. Tal como Calvino, também Castilho curou Ovídio, vaporizando-o no ruído de fundo dos tempos.

---

quam de Bellorophonte illud homericum dici posset: 'qui miser in campis merens errabat alienis/ipse suum cor edens, hominum vestigia vitans' (dove "alienis" per "Aleis" è lezione dei codici e non svista di P.[etrarca], Rico 1974, p. 319); P.[etrarca] parla di Bellerofonte anche in *Fam.* III 21, 5; *Inv. med.* IV, p. 946; *Sen.* III 1 (p. 854) e XI 5 (p. 979) [numeração Fracassetti 1870]". Vd. além disso Bettarini 2005: 1 190; Gigliucci 2009: 88-89. Contextualiza a relação entre Petrarca e Cícero: Marnoto 2016.

<sup>12</sup> 11. 5, reenviando para o sistema de numeração de Fracassetti 1870, e vd. Petrarca 1554.

<sup>13</sup> *Met.* 4. 741.

<sup>14</sup> *Met.* 4. 742-743.

## BIBLIOGRAFIA

- Bettarini, Rosanna (ed.) (2005), *Francesco Petrarca. Canzoniere. Rerum vulgarium fragmenta*, Torino, Giulio Einaudi, 2 vols.
- Brito, Duarte de (1990), *Garcia de Resende. Cancioneiro geral*, ed. Aida Dias, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, vol. 1.
- Calvino, Italo (1995 a), “Lezioni americane. Sei proposte per il prossimo millennio”, in Calvino, Italo, *Saggi. 1945-1985*, ed. Mario Barenghi, Milano, Arnoldo Mondadori, vol. 1, 627-753.
- Calvino, Italo (1995 b), “Perché leggere i classici”, in Calvino, Italo, *Saggi. 1945-1985*, ed. Mario Barenghi, Milano, Arnoldo Mondadori, vol. 2, 1816-1824 [“Italiani, vi esorto ai classici”, *L'Espresso*, 28-06-1981: 58-68].
- Castilho, António Feliciano de (trad.) (1841), *Ovídio. As metamorphóses [...], Vertido em portuguez por Antonio Feliciano de Castilho, na Arcádia de Roma Memnide Eginense*, Lisboa, Imprensa Nacional.
- Catterall, John L. et al. (2016), S. V. “Perseus”, in Wissowa, Georg (ed.), *Paulys Realencyclopädie der classischen Altertumswissenschaft*, Neue Bearbeitung, Stuttgart, Alfred Drückenmüller [1894, reeds.].
- Fracassetti, Giuseppe (ed.) (1870), Petrarca, Francesco, *Lettere senili*, vol. 2, Firenze, Le Monnier.
- Gigliucci, Roberto (ed.) (2009), *La malinconia. Dal monaco medievale al poeta crepuscolare*, Milano, Rizzoli.
- Marnoto, Rita (2016), “Petrarca e o grego. O prazer de um surdo”, *Delphica. Letras & Artes*, 3: 47-57.
- Petrarca, Francesco (1554), *Seniles*, in Petrarca, Francesco, *Opera quae extant omnia*, Basileae, excudebat Henrichus Petri.
- Petrarca, Francesco (1963), *Prose*, ed. Guido Martellotti; Pier Giorgio Ricci; Enrico Carrara; Enrico Bianchi, Milano, Napoli, Ricciardi.
- Rico, Francisco (1974), *Vida u obra de Petrarca. I Lectura del “Secretum”*, Padova, Antenore.
- Santagata, Marco (ed.) (2019), *Francesco Petrarca. Canzoniere*, Milano, Mondadori [TED ebook].

## ÍNDICE GERAL

PREÂMBULO	5
INTRODUÇÃO	9
NOTA BIOGRÁFICA	15
BIBLIOGRAFIA DE NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES	19
TABVLA GRATVLATORIA	37
ÚLTIMA LIÇÃO DA DOUTORA NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES: A PALAVRA E A BELEZA: TEATRO DO MUNDO E TRADIÇÃO CLÁSSICA	41
<b>ESTUDOS GREGOS</b>	
O LEGADO DE PROMETEU <i>Ana Paula Quintela Ferreira Sottomayor</i>	73
A FÁBULA DO GAVIÃO E DO ROUXINOL (HES., <i>OP.</i> 201-212): O VALOR DA <i>DIKE</i> <i>Joaquim Pinheiro</i>	89
SOME ASPECTS OF INTERTEXTUALITY BETWEEN PLUTARCH'S LIFE OF PERICLES AND THUCYDIDES <i>Ana G. Ferreira</i>	99
DINHEIRO E FELICIDADE. ARISTÓFANES, <i>PLUTO</i> <i>Maria de Fátima Silva</i>	113
O ENTUSIASMO DE ALEXANDRE PELAS LETRAS E ARTES <i>Renan Liparotti</i>	127
LEMNOS E DRÉPANE: A VOZ POLÍTICA DAS MULHERES EM APOLÓNIO DE RODES <i>Ana Alexandra Alves de Sousa</i>	137
<b>ESTUDOS LATINOS</b>	
DA OCORRÊNCIA DA PALAVRA <i>VUTILITAS</i> NOS MONUMENTOS EPIGRÁFICOS <i>José D'Encarnação</i>	151
ANTIGOS E MODERNOS NA POESIA HELENÍSTICA <i>Virgínia Soares Pereira</i>	165

COMO SUPERAR O LUTO? ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A MORTE, NA PROSA DE SÉNECA <i>Ricardo Duarte</i>	179
MORALIDADE E <i>MONSTRVM</i> : A ESTÉTICA DA NATUREZA E A REPRESENTAÇÃO DA ALMA EM SÉNECA-TRÁGICO <i>Mariana Montalvão Horta e Costa Matias</i>	195
ESPAÇO, TEMPO E MOVIMENTO NO <i>SATYRICON</i> DE PETRÓNIO: A <i>CENA TRIMALCHIONIS</i> <i>Cláudia Teixeira</i>	205
O <i>TOPOS</i> DO VOYEURISMO NO <i>SATYRICON</i> DE PETRÓNIO E NO <i>BURRO DE OURO</i> DE APULEIO <i>Delfim F. Leão</i>	215
MOBILIDADE E SABER EM PLÍNIO O ANTIGO <i>Francisco de Oliveira</i>	227
IDENTIDADE ÉTICA DA FUNÇÃO IMPERIAL. HONRA E VERGONHA NOS CÉSARES DE SUETÓNIO <i>José Luís Brandão</i>	247
<i>HISPANIA Y LVSITANIA</i> EN EL IMAGINARIO DE LA <i>HISTORIA AVGVSTA</i> : ¿REFERENCIAS LEJANAS, REMINISCENCIAS ESCOLARES O REALIDADES HISTÓRICAS E HISTORIOGRÁFICAS CERCANAS? <i>Marc Mayer</i>	265
<b>TRADIÇÃO JUDAICO-CRISTÃ</b>	
A SIMBOLOGIA DAS PEDRAS PRECIOSAS NA BÍBLIA E NOS CLÁSSICOS <i>Carlos A. Moreira Azevedo</i>	283
JUDITE E AS SEMÂNTICAS DA PSEUDEPIGRAFIA <i>José Augusto Ramos</i>	293
OS JUDEUS EM PORTUGAL. O CASO DO “MISTÉRIO” DA MINA-GALERIA E A JUDIARIA DO CANTO, EM TIBALDINHO <i>José Manuel Azevedo e Silva</i>	303
<b>ESTUDOS TARDO-ANTIGOS E MEDIEVAIS</b>	
HILÁRIO DE POITIERS E A DESCONSTRUÇÃO DA LEGITIMIDADE POLÍTICA NO <i>IN CONSTANTIVM IMPERATOREM</i> (360 D.C.) <i>Paula Barata Dias</i>	321
A <i>ARS MINOR</i> ALCOBACENSE DE DONATO <i>Gonçalo Fernandes</i>	337

O SERVIÇO DE DEUS E A PROJEÇÃO EUROPEIA DA CASA DE AVIS ENQUANTO <i>LEITMOTIVE DIEGÉTICOS NA OBRA DE MATEUS DE PISANO</i> <i>António Manuel Ribeiro Rebelo</i>	361
<b>ESTUDOS DO RENASCIMENTO E HUMANISMO</b>	
LEONARDVS BRVNI ET STVDIA BRVNIANA AB HANS BARON AD NOSTRVN VSQUE TEMPVS <i>Miguel Monteiro</i>	377
PLAIDOYER POUR L'EDUCATION – L'ÉPITRE-PREFACE DE MELANCHTHON EN TÊTE DE SON MANUEL <i>DE ANIMA</i> (1540) <i>Kees Meerhof</i>	395
DUELOS DE AMOR: AS FIGURAÇÕES DE EROS EM FICINO E ALCIATO <i>Filipa Araújo</i>	407
O AMOR ENAMORADO <i>Frei Agostinho Leal, O.C.D.</i>	429
ARIAS MONTANO Y LOS PROBLEMAS CON LA INQUISICIÓN PARA LA EDICIÓN DE LA BIBLIA POLÍGLOTA DE AMBERES <i>Santiago López Moreda</i>	439
<i>MAGISTER ET DISCIPVLVS</i> : A PERENIDADE DA PEDAGOGIA HUMANISTA <i>Ana I. C. Martins</i>	455
DE HESÍODO A QUEVEDO. LOS “DOS CAMINOS” EN EL SONETO BL 65 <i>Francisca Moya Del Baño</i>	467
ENTRE CALVINO E OVÍDIO, DO NOSSO TEMPO À ANTIGUIDADE <i>Rita Marnoto</i>	477

(Página deixada propositadamente em branco)